



Prisioneiro de consciência: o Caso Bukovsky

LAWRENCE ELLIOTT

Dez semanas após a polícia secreta soviética tê-lo trazido da prisão, algemado, Vladimir Bukovsky estava na Casa Branca para um encontro com o presidente dos Estados Unidos. Durante anos em prisões, campos de trabalhos forçados e hospitais psiquiátricos, em meio a interrogatórios e perseguições, o dissidente soviético, de 34 anos, tinha sido animado pela sua tranqüilidade interior e por uma coragem oriunda de suas convicções. Mas ao entrar na Casa Branca, em março último, ele estava tenso. Sabia que, ao recebê-lo, o presidente Jimmy Carter estava fazendo ao Kremlin e ao mundo uma histórica proclamação do apoio norte-americano a todos os presos políticos soviéticos. Bukovsky, por sua vez, sentia que estava falando por todos os inúmeros homens e mulheres ainda detidos na U. R. S. S. em hospícios psiquiátricos, prisões e campos de trabalho.

O presidente Carter perguntou-lhe de que maneira promover a causa dos direitos humanos. «Perseverando», respondeu-lhe Bukovsky, «insistindo, sem jamais vacilar; sobretudo sem timidez nem medo algum.» O presidente encarou-o nos olhos e replicou: «Não pretendo mostrar-me tímido quanto à causa dos direitos humanos seja onde for.»

Para um homem como Vladimir Bukovsky, que havia passado quase um terço de sua vida em diversas prisões, esse memorável encontro foi um momento de triunfo.

VLADIMIR Konstantinovich Bukovsky nasceu em 1942 e cresceu em Moscou no seio de uma família em que a devoção ao comunismo era uma questão de fé, mas o rapaz não aceitava a

disciplina do rebanho a que pertencia. Aos 17 anos, durante o último ano de seu segundo ciclo na escola, Bukovsky lançou uma revista datilografada de humor. «Não mais que uma piadazinha sobre os professo-

res e alguns versos satíricos», descrevia-a ele então. «Não tinha nada de política, e foi apenas um exemplar.» Apesar disso, os funcionários do Partido Comunista e do Ministério da Educação caíram sobre a escola, e Vladimir foi expulso.

PARA O rapaz, isso só veio reforçar sua convicção de que a liberdade individual era uma coisa que não existia no sistema soviético. Diria ele mais tarde: «*Pode alguém, sob tal regime, discordar e sobreviver?*»

Foi então para uma escola noturna e, em 1960, conseguiu ingressar na Universidade de Moscou no curso de biofísica. Ajudou a publicar um jornal de poesia não autorizado e organizou leituras públicas de poemas, realizadas nos fins de semana na praça Mayakovsky. Com isso atraiu centenas de espectadores... e grande indignação oficial. Em 1961, foi expulso da faculdade.

Em junho de 1963, então com 20 anos, Bukovsky caiu pela primeira vez nas mãos da KGB. Sua falta tinha sido estar de posse de duas fotocópias do livro *A Nova Classe*, do dissidente iugoslavo Milovan Djilas — obra essa proibida por seu teor crítico contra a burocracia comunista. Como punição, foi submetido a exame por uma comissão de psiquiatras e confinado num hospital-prisão de Leningrado.

NIKITA Kruchchev, em 1959: «*Não há opositores ao nosso sistema na U. R. S. S., exceto uns poucos de doidos.*»

BUKOVSKY iria passar quase 11 dos 13 anos seguintes em hospitais psiquiátricos, prisões e campos de trabalho. No sinistro Instituto Serbsky de Psiquiatria Legal, em Moscou, os pecados do seu passado foram esquadrihados de alto a baixo pelos médicos. Não havia dúvida que o veredicto final seria pela insanidade mental. Pois, se a sociedade soviética já era perfeita, qualquer um, obcecado pela idéia de aprimorá-la, só podia ser maluco.

Enviado ao Hospital Especial Psiquiátrico de Leningrado, Bukovsky viu-se forçado a conviver com loucos e pessoas a quem estavam enlouquecendo. Nesse hospital, as punições eram muito frequentemente disfarçadas de terapias médicas. As injeções de sulfazina (meio favorito de obter «cooperação») também produziam graves efeitos colaterais, como febre violenta e dores intoleráveis. Lutando por manter-se lúcido, Bukovsky procurou aprender sozinho inglês. Com um dicionário bastante usado, passou horas infindas abrindo caminho através de textos de Thackeray, Dickens, Kipling e outros autores permitidos.

Passados 15 meses de inferno, foi libertado... mas não por muito tempo. Com os escritores dissidentes sob o tacão da KGB, Bukovsky fez uma petição requerendo tribunais abertos. Ajudou também a planejar uma manifestação na praça Pushkin, com cartazes exigindo que o direito à palavra fosse respeitado.

Três dias antes do evento, a 2 de dezembro de 1965, foi preso e enviado de novo para um hospital psiquiátrico.

Nesse ponto, sua história já se tornara conhecida no Ocidente, e os soviéticos, em palpos de aranha, não o retiveram mais que sete meses e meio. Para Bukovsky, porém, a liberdade significava menos que a justiça. Em janeiro de 1967, protestando contra a prisão de quatro amigos também dissidentes, ele próprio foi de novo levado à prisão e sentenciado a três anos de campo de trabalho forçado por «violação da ordem pública». Seu argumento final foi ler o artigo 125.º da Constituição Soviética, que garante, entre outras coisas, o livre direito à palavra e à associação.

BUKOVSKY, dirigindo-se ao tribunal: *«Em que espécie de país é proibido criticar o governo? Nos capitalistas? Não. Lá existem partidos comunistas livres, exatamente tentando minar o sistema capitalista... Quando eu estiver de novo em liberdade, não deixarei de organizar manifestações em conformidade com a lei, tal como acontecia antes.»*

ENVIARAM-NO para um campo de trabalho em Bor, a quase 600km ao sul de Moscou. Foi posto em liberdade em princípios de 1970, iniciando-se então seu período livre final na União Soviética. Desta vez, lançou-se à tarefa de desvendar aos olhos do mundo a utilização de falsas provas psiquiátricas pela KGB com o fito de silenciar os que luta-

vam pelos direitos humanos. Muita gente auxiliou-o com informações – inclusive psiquiatras que abominavam a utilização deformada que a sua profissão estava sofrendo.

Bukovsky viu-se acossado constantemente pela KGB. Certa noite, ele e o jornalista norte-americano James R. Peipert, da Associated Press, foram brutalmente espancados. Bukovsky reconheceu como agente da KGB um agressor do grupo. Antes disso, em uma outra ocasião, Bukovsky tinha sido convocado ao gabinete do promotor público. O relato desse interrogatório transpirou para o Ocidente.

PROMOTOR: *«Você disse numa entrevista à agência AP que tinha sido mandado para um campo... mas não há campos aqui.»*

Bukovsky: *«Os filólogos têm um conceito denominado eufemismo. Antigamente, os campos eram chamados campos; depois passaram a chamá-los colônias; agora são instituições.»*

Promotor: *«Eu e você estamos em lados opostos.»*

Bukovsky: *«Eu estou do lado da lei. Se o senhor, que é promotor público, está do outro lado, isso é mau.»*

Promotor: *«Por que é que você vive aqui, se pensa assim? Vá para a América.»*

Bukovsky: *«E o senhor me deixaria ir? Claro que não. Este país é como uma ratoeira: entrar pode-se, mas sair, não!»*

BUKOVSKY fez tudo para completar sua exposição de fatos antes que a KGB pudesse impedi-lo. Durante ja-

neiro e fevereiro de 1971, remeteu 150 páginas de provas científicas (históricos médicos e diagnósticos psiquiátricos de seis importantes dissidentes) para amigos no Ocidente, que distribuíram cópias entre especialistas do mundo inteiro. Bukovsky pedia que os médicos pusessem a matéria em pauta durante o congresso internacional que iria realizar-se na Cidade do México naquele ano. No dia 29 de março, ele se viu preso. Depois de ter suportado quatro meses de interrogatórios, foi recambiado para o Instituto Serbsky, onde permaneceu confinado numa cela.

Por parte da representação soviética, houve cabala administrativa, anterior à reunião da Associação Mundial de Psiquiatria, marcada para novembro, e o bloco comunista em peso ameaçou retirar-se. Sob os protestos de inúmeros psiquiatras, o congresso ignorou os documentos pelos quais Bukovsky havia trocado sua liberdade. Nem mesmo foi aventada a questão dos abusos soviéticos. Nessa ocasião, Bukovsky estava prestes a ser julgado por «calúnia à psiquiatria soviética» e por «fazer circular propaganda contra os soviéticos».

A KGB teria preferido encerrá-lo definitivamente num hospital psiquiátrico, mas, por fim, uma tempestade mundial de protestos forçou-a, em janeiro de 1972, a realizar às pressas um julgamento de Bukovsky, que durou um dia. Foi-lhe negado o advogado a quem ele tinha recorrido, assim como o direito

de nomear ao menos uma testemunha. Magro e pálido, Bukovsky agüentou firme, assim se dirigindo à corte no final:

«Para que é este julgamento? Apenas para punir uma pessoa? Não. Ele era necessário para intimidar todos aqueles que tivessem possibilidade de relatar ao mundo os crimes deste regime. Por mais tempo que eu fique na prisão, jamais renunciarei a minhas convicções. Lamento apenas que, durante o breve período em que estive em liberdade — um ano, dois meses e três dias —, tivesse podido fazer tão pouco.»

BUKOVSKY foi condenado a 12 anos: dois de prisão, cinco num campo de trabalhos forçados e cinco de exílio. Depois de ter completado sua prisão no célebre presídio Vladimir, situado a nordeste de Moscou, mal alimentado com pequeníssimas rações de comida e em gelados cárceres privados, Bukovsky foi transferido para o campo de Perm, nos montes Urais.

Ali, sujeitaram-no a infundáveis impertinências, inclusive o frequente confinamento em celas de punição. Mesmo assim, ele não desistiu. Com um amigo psiquiatra, escreveu o impressionante *Manual de Psiquiatria para Dissidentes*, trabalho cujo humor irônico não mascarava sua importância como guia para aqueles sob ameaça de lavagem cerebral pela KGB. Página por página, muitas vezes cifrado em cartas dirigidas a amigos, o manual foi sendo remetido de Perm.

Em fevereiro de 1974, Bukovsky foi condenado a três meses de prisão no presídio interno do campo e deixado com reduzidas rações de comida. Mal a notícia de seu precário estado de saúde chegou ao Ocidente, as autoridades soviéticas viram-se submergir sob uma onda de insistentes apelos em favor de Bukovsky. Finalmente, em extremo estado de fraqueza, ele foi libertado da prisão. Alguns dias mais tarde, quando um prisioneiro ucraniano com tuberculose em último grau foi injustamente punido e proibido de receber visitas de parentes, Bukovsky entrou em greve de fome, a qual se alastrou por todo o campo e durou um mês. Como punição, Bukovsky foi recambiado à penitenciária Vladimir.

Sua luta prosseguiu. Mesmo com ele na solitária, os companheiros logravam contrabandear informações do exterior para dentro da cela, e vice-versa. Um resultado disso foi a sugestão de uma carta para presos políticos – conjunto de propostas concretas para uma lei internacional que regulasse o cumprimento de padrões mínimos para presos políticos em todos os países. Este texto chegou ao Ocidente em fins de 1975.

Em agosto desse ano, Leste e Oeste assinaram o Acordo de Helsinki sobre Segurança e Cooperação. Os soviéticos prometeram reconhecer alguns desses direitos fundamentais, em troca do que lhes foram prometidos créditos para ampliação das relações comerciais,

além do reconhecimento, por parte do Ocidente, das fronteiras existentes no Leste europeu. Por todo o bloco comunista, havia muita gente ansiando pela liberdade nas bases estipuladas por esse acordo... mas nada mudou, a não ser para pior.

BUKOVSKY: *«Helsinki pagou-se com nosso sangue. As condições imediatamente pioraram, porque o Kremlin, tendo o que queria, não mais precisou preocupar-se com a opinião mundial.»*

POR essa altura, Bukovsky estava sofrendo de uma úlcera, distúrbios hepáticos e reumatismo. Sua mãe continuava suplicando às autoridades soviéticas, a organizações e líderes estrangeiros, enfim, a todo mundo que pudesse ajudar a salvar a vida do filho. Inúmeras pessoas uniram-se ao movimento. David Markham, ator britânico de meia-idade que há cinco anos vinha organizando reuniões e escrevendo cartas em apoio a Bukovsky, visitou a União Soviética três vezes, no esforço de conseguir libertá-lo. Markham conta que, da última vez que lá esteve, a KGB o deteve e a sua mulher e «interrogou-nos em separado por 12 horas contínuas».

Quase no fim do ano passado, circularam rumores de uma troca de presos políticos – Bukovsky pelo líder comunista chileno Luis Corvalán Lepe. Os soviéticos, oficialmente, desdenharam da idéia – originalmente sugerida por partidários de Bukovsky –, negando que houvesse presos políticos na U. R. S. S.,

mas, com os Estados Unidos agindo de intermediários, eles já estavam negociando particularmente a questão. Não sabiam mais o que fazer com o obstinado Bukovsky nem como enfrentar a maré montante de protestos vindos de todas as partes, agravada com sua continuada prisão. Mesmo na solitária, faminto, com a saúde arruinada, ele se portava de maneira tão irritante para seus guardiães da KGB que estes preferiram encerrar o Caso Bukovsky de uma vez por todas. Nos tempos de Stalin, ele seria simplesmente assassinado; mas o mundo espreitava.

A 18 de dezembro de 1976, Bukovsky recebeu roupas novas, foi algemado e levado às pressas ao aeroporto. Foi lá que ele soube que sua mãe, sua irmã e um sobrinho gravemente enfermo partiriam consigo.

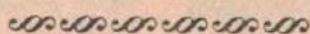
Momentos mais tarde, o jato especial da Aeroflot decolava em direção à Suíça. Bukovsky foi man-

tido numa poltrona, afastado do resto da família, manietado pelas costas e guardado por um esquadrão de agentes da polícia secreta, indo a seu lado o segundo homem da KGB, Aleksandr Baranov. Bukovsky pediu que as algemas lhe fossem tiradas. «Não é possível», respondeu Baranov.

«Mas já deixamos o espaço aéreo soviético», insistiu ele. «Até fora do país vocês podem manter-me prisioneiro?»

Taciturno, Baranov dirigiu-se à cabina de comando do avião e radiografou pedindo instruções. Ao voltar, desalgemou-o.

MAIS tarde, já livre em Zurique, Bukovsky jurou dedicar a vida à causa da liberdade humana nos países comunistas: «*No presídio Vladimir, há indivíduos em piores condições de saúde e mais merecedores de liberdade que eu. Espero que, com a minha libertação, a luta pelos direitos civis na União Soviética venha a fortalecer-se.*»



«Mas me diga por que é que você usa uma maçã como marca?» perguntou um homem ao alfaiate.

«Porque, se Adão não a tivesse comido, não haveria alfaiates», respondeu ele.

— Crown, Formosa

QUANDO engravidei pela primeira vez, meu marido e eu decidimos nunca brigar na frente de nossos filhos. Desde então, todos os nossos desentendimentos têm sido envolvidos em sorrisos, acompanhados de um bocado de tratamentos carinhosos do gênero «querida», «amor». Só me toquei sobre os efeitos provocados por essas nossas «charadas» no dia em que ouvi meus filhos de cinco e de três anos brigando feio. Perguntei quem começara a briga e recebi como resposta: «Ele me chamou de querida primeiro, mamãe, juro que foi!» — G. Lavitt, Winnipeg, Manitoba, Canadá

66 Entre Aspas 99

TODA criança é um artista. O problema está em como continuar artista depois de crescida.

- Pablo Picasso

A MAIORIA das pessoas vive contando alguma coisa: dólares, quilos, realizações ou calorias.

- E. W.

QUANDO perguntar a um desconhecido alguma coisa que só interesse a você, não deixe de juntar o selo para a resposta.

- Abraham Lincoln

QUASE todas as nossas faltas são mais perdoáveis que os métodos que inventamos para ocultá-las.

- La Rochefoucauld

PARA que serve uma casa, se você não tiver um planeta razoável para colocá-la?

- Henry David Thoreau

LUXO são as compras dos outros.

- D. W.

A POLIDEZ está para a natureza humana como o calor está para a cera.

- Arthur Schopenhauer

NÃO quero comprometer-me nem com o céu nem com o inferno, entende? Tenho amigos nos dois lugares.

- Mark Twain

EM CASO de depressão, faça alguma coisa; se já estiver fazendo, troque de coisa.

- E. E. H.

OPINIÃO pública é como um fantasma de castelo: nunca ninguém viu, mas todo mundo tem medo.

- S. G.

ENCOSTAR a caneta no papel provoca mais fogo do que jamais o fariam os fósforos.

- M. S. F.

DISCIPLINA é como brócolos: você próprio pode não gostar, mas tem certeza de que é ótimo para os outros.

- B. V.

QUEM quer beber até a última gota, leva com a tampa da caneca no nariz.

- Provérbio holandês

AQUELE que tem um *porquê* para viver pode enfrentar quase todos os *comos*.

- Nietzsche